

humanitas

Vol. LXIV
2012

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel, coord.: *Fílon de Alexandria nas Origens da Cultura Ocidental* (Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2011) 155 p. ISBN 9789729376221.

O volume em recensão reúne parte dos resultados da investigação realizada no âmbito do Projecto «Fílon de Alexandria nas Origens da Cultura Ocidental», integrado no Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, e cujo objectivo é estudar e traduzir a obra do filósofo judeu de Alexandria, bem como a sua recepção na filosofia, teologia e exegese cristã. A maioria dos textos aqui publicados foi comunicada ao público numa jornada realizada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Março de 2011. As excepções são os artigos de Manuel Alexandre Júnior («A sofística alexandrina sob o olhar crítico de Fílon de Alexandria»), de Maria Fernandes («*Physis* no tratado de Fílon de Alexandria *De Iosepho*») e de Sofia Torallas Tovar («Fílon de Alexandria na interpretação das Escrituras»), tendo este último, todavia, sido igualmente apresentado na Faculdade de Letras de Lisboa, cerca de um mês antes do encontro que motivou esta publicação.

Figura de peso considerável na cultura da Antiguidade Clássica, quer pela qualidade e quantidade dos seus escritos, quer pelo que significa em termos de produto cultural, de síncrese entre os saberes orientais – designadamente o judaísmo – e os greco-romanos, Fílon está longe de ser das personalidades antigas mais bem tratadas entre nós. Com a mui honrosa excepção de Manuel Alexandre Júnior, que tem centrado no filósofo do século I quase toda a investigação que tem feito ao longo da sua carreira científica, poucos são os estudos que os investigadores portugueses têm dedicado a Fílon. Tomamos mesmo a liberdade de recordar o seminário de Literatura Grega que frequentámos com êxito na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sob a orientação do Doutor Manuel Alexandre Júnior, no já longínquo ano lectivo de 1991-1992, dedicado à retórica helenística e em que a obra de Fílon tinha um peso considerável. Por razões várias, os nossos estudos de Mestrado acabaram então por se centrar num outro judeu helenístico, aliás contemporâneo de Fílon – Flávio Josefo –, mas em quem as afinidades culturais facilmente se percebem e detectam.

O estudo de exegese filónica com que Manuel Alexandre Júnior abre este volume, «Fílon de Alexandria na interpretação das Escrituras» (pp. 9-22), funciona como introdução ao tema. Com este texto, o A. visa responder a três questões de base: 1ª «Para quem escreveu Fílon os seus

tratados?»; 2^a «O que pretendeu ele com os seus versáteis comentários e interpretações?»; 3^a «De que abordagens hermenêuticas se socorreu para transmitir aos contemporâneos a sua visão da essência da revelação bíblica?» (p. 9). E M. Alexandre Júnior é bem sucedido na tarefa de lhes responder. Depois de recuperar a metodologia tradicional judaica, o A. centra-se nas propostas inovadoras de Fílon, que resultam sobretudo da influência grega no seu pensamento e da aplicação das categorias helénicas aos conceitos judaicos. Alexandre Júnior salienta inclusive o facto de Fílon recorrer a sínteses dos sistemas filosóficos gregos, criando assim o seu próprio código hermenêutico. Neste sentido, é igualmente importante o recurso ao método da alegoria e da interpretação alegórica – aqui designado como *alegorese* – em que, de certo modo, Fílon se especializou, e Manuel Alexandre Júnior não o descarta, considerando mesmo, de forma pertinente, que essa foi uma das principais vias para a originalidade que consiste na conciliação da «revelação judaica» com a «filosofia grega», de que Fílon é exímio representante.

Sofía Torallas, investigadora do CSIC – Madrid, apresenta um estudo acerca de «La lengua de Fílon de Alejandría en el panorama lingüístico del Egipto Romano» (pp. 23-36). Trata-se de um texto fortemente marcado pela metodologia retórica em que se insere, na hermenêutica da *koine* do período helenístico. A A. conclui que em Fílon é possível encontrar especificidades linguísticas, em parte derivadas da influência grega, em parte da judaica, e que juntas convergem para a concretização dessa mesma originalidade filónica.

A Tatiana Faia, investigadora do CECUL, cabe o estudo de um dos temas mais originais deste volume: «*Embaixada a Calígula* de Agustina Bessa-Luís e uma Memória de Fílon de Alexandria» (pp. 37-46). Com efeito, não é de todo comum ou sequer evidente a uma primeira leitura a identificação de uma influência directa de Fílon num autor da língua portuguesa. Mas é o que verificamos na *Embaixada a Calígula*, livro de memórias de Agustina, qual evocação da *Legatio ad Gaium*. Pelo menos ao nível do título. A *Legatio* é, quanto a nós, um dos textos mais importantes de Fílon, dada a quantidade e a qualidade de informação histórica que contém. T. Faia, porém, prefere uma perspectiva alternativa e opta por uma leitura mais centrada na conceptualização e perspectivização filosófica. Como é evidente, trata-se de um dos pontos em que a análise comparatista é possível e, eventualmente, pertinente.

Rodrigo Miguel Duarte, investigador do CECUL, analisa a presença da doutrina do *logos endiathetos* e *prophorikos* na cristologia patrística,

partindo do ambiente criado em pleno helenismo e que possibilitou a aliança entre a hermenêutica judaica e a filosofia grega (em particular o estoicismo), de que Fílon é simultaneamente agente produtor e produto. Eventualmente, por via de Fílon, estas perspectivas terão sido adoptadas pela patrística, que as usou enquanto recurso para as suas propostas de explicação da natureza do Filho de Deus ou *logos* de Deus. Esta perspectiva, porém, como conclui o A., acabou por ser posta em causa, e até mesmo por ser rejeitada, pelos teólogos, a partir do século IV.

Em «O profetismo no tratado *De Iosepho* de Fílon de Alexandria» (pp. 81-110), Maria Fernandes, igualmente investigadora do CECUL e do CHUL, começa por discorrer acerca da pertinência, ou eventual falta dela, de analisar o tema do profetismo num tratado dedicado à figura bíblica de José, quando bíblicamente esta é uma personagem polémica do ponto de vista dessa categoria. De qualquer modo, a investigadora acaba por concluir que, no quadro do *corpus* filónico, José acaba por se revelar uma personagem profética, ao nível de outras figuras como Jacob, Isaías, Jeremias, Jonas e Samuel. Teria sido igualmente interessante e, quanto a nós, pertinente, comparar este tratamento da figura de José com a forma como Josefo a reconstrói nas *Antiquitates*, partindo, talvez, dos estudos que L. H. Feldman dedicou já ao assunto. Fica registado o desafio para a A.

César Motta Rios escreve sobre «Exílio, diáspora e saudades de Jerusalém: estudo em *Jeremias* 29:1-14 em Fílon de Alexandria» (pp. 91-110). O A. começa por fazer uma distinção entre «exílio» e «diáspora», que, no contexto em causa, ganha de facto alguma pertinência. Ao mesmo tempo, César Rios apresenta os objectivos do seu estudo e a forma como estes se articulam com o título que propõe para o mesmo, o qual, todavia, causa alguma confusão no leitor (talvez fosse preferível a fórmula «de *Jeremias*» a «em *Jeremias*»). De qualquer modo, o método seguido pelo A. aproxima-se do estudo de paralelismos de tipo comparatista, seguindo o que o já referido Louis Feldman tem feito relativamente a Flávio Josefo e à paráfrase bíblica deste autor, analisando *pari passu* os vários elementos em causa. Como acontece com o historiador judeu, verifica-se no texto filónico a existência de interpretações e de leituras que variam de acordo com a conjuntura sócio-política dos autores helenísticos, que perspectivam as suas versões bíblicas ao sabor dos interesses que o seu próprio tempo lhes proporciona. Babilónia e Alexandria, e respectivos enquadramentos políticoculturais, são, naturalmente, as plataformas de produção interpretativa destes textos. Uma palavra ainda para o uso de uma fórmula como «saudades de Jerusalém»,

tão cara às culturas de língua portuguesa e eventualmente pertinente apenas nesse mesmo enquadramento.

O segundo texto de Maria Fernandes, «*Physis* no tratado de Fílon de Alexandria *De Iosepho*» (pp. 111-120), centra-se na análise de um conceito essencialmente usado em contexto filosófico: *physis*. A A. começa por expor as várias propostas de definição/tradução do termo grego, para de seguida aplicar as várias possibilidades detectadas a contextos filónicos, em si mesmos complexos. Quanto ao segundo estudo de Manuel Alexandre Júnior, «Fílon entre os Sofistas de Alexandria. A sofística alexandrina sob o olhar crítico de Fílon de Alexandria» (pp. 121-136), o A. giza um esboço da importância cultural da cidade greco-egípcia e, por conseguinte, do ambiente em que Fílon viveu, para o relacionar com a Atenas do século V a. C. e com uma das suas expressões culturais mais significativas: a Sofística. Esta, todavia, é agora analisada através do periscópio filónico do tempo do filósofo.

O último texto, da autoria de Sarah Pearce, ««Philo of Alexandria on Jewish Law and Jewish Community»» (pp. 137-154), recupera alguns dados já tratados em textos anteriores, como o enquadramento cultural e a estrutura essencial do pensamento e do sistema filosófico-hermenêutico de Fílon, mas tem a novidade de abordar a figura de uma perspectiva mais histórica – recorrendo ao testemunho de Josefo para o efeito – assim como da sua relação com a comunidade judaica a que pertencia.

No que diz respeito aos aspectos formais e mais propriamente editoriais, parece-nos evidente a falta que o leitor sente de índices remissivos finais (topoantroponímicos e de passos citados), bem como de uma bibliografia geral conjunta. Estranhámos igualmente que alguns autores optem por formas onomásticas menos correctas em português: e.g. «Ptolomeu» por «Ptolemeu» (p. 10), «Aristóbulo» por «Aristobulo» (p. 13) ou «Gémelo» por «Gemelo» (p. 40). Existe ainda alguma heterogeneidade editorial, na apresentação dos vários artigos (alguns incluem «abstract» outros não, por exemplo). De qualquer modo, nenhum destes aspectos menos positivos diminui, quanto a nós, nem a qualidade científica nem a importância que este volume significa para a cultura portuguesa. Aguardamos, por isso, com ansiedade a publicação de traduções portuguesas da obra do pensador alexandrino.

NUNO S. RODRIGUES